



NOTAS À MARGEM DA LEITURA DA CORRESPONDÊNCIA

Casais Monteiro - Ribeiro Couto

Rui Moreira Leite

A história das relações entre escritores portugueses e brasileiros está ainda em parte por ser escrita – ao menos no que diz respeito aos contatos mantidos a partir das primeiras décadas do século XX. Arnaldo Saraiva apresentou há cerca de quinze anos o que pode ser tomado como um bom começo de conversa,¹ centrado nas décadas de dez e vinte. Mas, ao que tudo indica, apenas a partir dos anos trinta estas relações se desenvolveriam plenamente, dando aos contatos anteriores sua real dimensão. Ainda que mais extensos e menos eventuais do que fora sugerido, estes serão, de certa forma, integrados nessa nova etapa das relações, quando os brasileiros terão como interlocutores principais os escritores da geração da *presença*.

É o que se pode depreender diante da relação de correspondentes brasileiros de Casais Monteiro, de suas cartas a Ribeiro Couto e de um levantamento dos textos publicados no *Boletim de Ariel* e na *Revista do Brasil*.

Uma pesquisa preliminar nos arquivos de Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Augusto Meyer, Manuel Bandeira e Alberto de Serpa indicara a possibilidade de estudar a relação entre escritores portugueses e brasileiros a partir da correspondência trocada a partir de 1930.

Com base nessa busca inicial, examinei a possibilidade desse conjunto permitir completar dados relativos a episódios determinados ou documentar

de alguma forma a história dessas relações, que poderia eventualmente ser narrada a partir de uma seleção dessas mesmas cartas.²

Faltava ainda explorar o eixo desses contatos: a correspondência Casais Monteiro – Ribeiro Couto, iniciada em 1931.³ O entusiasmo com que Casais viveu este encontro, registrado nos estudos que então publicou – sobre Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Jorge de Lima – só na correspondência ganha sua real dimensão. E ainda que Casais registre os contatos com as obras dos escritores brasileiros, a apreciação dos livros enviados, sua insatisfação com as informações de que dispõe acerca de obras e autores, não é isso que se destaca nas cartas.

É a identificação de Casais com a obra de Ribeiro Couto que lhe permite relatar em seqüência sua aversão à poesia – adquirida especialmente a partir da leitura de obras clássicas e românticas, a libertação que representou o contato com as obras de Pessoa e Sá-Carneiro e a amizade de José Régio.

Curiosamente, aos registros paralelos a obras e autores brasileiros, Casais irá relatando sua vida nos cafés onde prefere escrever – poemas, ensaios e até mesmo as cartas – seu exame para professor de Liceu, sua surpresa ao ter seu nome sugerido para a direção da *presença* por José Régio e João Gaspar Simões e seu contato com os originais de Antonio Nobre.

Uma atividade febril de estudos, preparo de edições e palestras à qual o missivista sempre acha não corresponder com a determinação exigida. É curioso notar que seu livro de poemas *Sempre e Sem Fim* (1937) terá seções dedicadas a Mário de Andrade, Jorge de Lima e Manuel Bandeira, além de uma epígrafe de Ribeiro Couto, que são – à parte Cecília Meireles – os poetas brasileiros aos quais dedicou ensaios ou artigos mais longos.⁴ E aqueles com os quais manteve mais longa ou concentrada correspondência. A explicação para isso é – sugerem as cartas a Ribeiro Couto – a mais simples: a impossibilidade de obter livros de poesia moderna brasileira em Portugal.

Esta dificuldade é que deve, por fim, tê-lo feito desistir da conferência sobre poesia moderna brasileira que Manuela Porto o instara a fazer em 1937, e que chega a mencionar também em carta a Augusto Meyer. Outros projetos mais ambiciosos só através dos registros nessa correspondência se dão a conhecer, como o do semanário a ser lançado em Lisboa que teria como diretores brasileiros Ribeiro Couto, Jorge de Lima, Tasso da Silveira e Mário de Andrade; ou a antologia de poesia moderna brasileira projetada por Ribeiro Couto e Casais Monteiro, mencionada apenas em carta do primeiro a Alberto de Serpa.

Os ensaios dedicados aos autores brasileiros foram desenvolvidos em paralelo à organização da correspondência inédita de Antonio Nobre,

ao preparo das edições das obras de Sá-Carneiro e ao estudo e organização da antologia da poesia de Fernando Pessoa.

O episódio de sua prisão com a mulher, Alice Gomes, em 1937, teve curiosamente o efeito de estreitar seus vínculos com o Brasil. Não só foi demitido do Liceu Rodrigues de Freitas, no Porto, onde iniciara há pouco a carreira de professor no ensino secundário, como a publicação de seus artigos se torna cada vez mais difícil na imprensa portuguesa.

Em abril de 1938 o *Boletim de Ariel* publica seu artigo “O exemplo de Fernando Pessoa”⁵ e, já naquele ano, Casais passa a ser colaborador regular do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, ganhando sucessivamente espaço nos *Diários Associados*, no *Jornal do Brasil* e n’*O Estado de S. Paulo*.

Daí que se possa sugerir que tudo se passa como se desde a segunda metade dos anos trinta Casais Monteiro tivesse preparado sua vinda ao Brasil, que só ocorreria em 1954, por ocasião dos festejos do IV Centenário de São Paulo.

Possivelmente, a primeira resenha de seus livros aqui publicada foi o texto de José Osório de Oliveira “Balanço de um ano literário” no *Boletim de Ariel*, trazendo tanto comentários ao volume de ensaios *Considerações Pessoaís* (1933) quanto aos *Poemas do Tempo Incerto* (1934).⁶ O artigo de José Osório de Oliveira marca o início da colaboração regular de portugueses no *Boletim de Ariel*. O número de maio daquele ano de 1935 traz uma nota divulgando a *presença*, ressaltando a qualidade gráfica da publicação. E Manuel Bandeira publica seu artigo “Poetas Portugueses” – dedicado aos volumes *20 Poemas da Noite* de Alberto de Serpa e *Desaparecido* de Carlos Queiroz. Este último tem três de seus poemas publicados, José Osório de Oliveira registra a partida para o exílio de José Rodrigues Miguéis e Luis de Montalvor resenha um título de João de Barros.

O *Boletim de Ariel* pouco mais sobrevive após a publicação do texto de Casais sobre Pessoa mas, a partir de então, Casais seria o mais assíduo dos colaboradores portugueses da terceira fase da *Revista do Brasil* dirigida por Octávio Tarquínio de Souza, com sete artigos.⁷ A geração da *presença* marca seu espaço na publicação que traz, a partir do número treze, a seção fixa *Letras Portuguesas* sob a responsabilidade de Lúcia Miguel Pereira.

Não deixa de ser curioso que a aproximação com o Brasil se tenha iniciado através de Ribeiro Couto⁸ e se consolidado pelas arbitrariedades do regime português, enquanto as simpatias de Couto pelo regime português os tenham afastado progressivamente ao longo dos anos quarenta,⁹ com a quebra da regularidade na troca de correspondência, muito pronunciada na década de trinta. E ao final se reaproximariam, mas não voltariam a encontrar-se, com Casais vivendo no Brasil e Ribeiro Couto no leste europeu como diplomata.

As cartas dos anos cinquenta trazem referências a estes desentendimentos, ainda mais pronunciados porque Ribeiro Couto não foi capaz de compreender que Casais era um opositor independente que não podia aceitar ser identificado com os comunistas que o hostilizavam.

Entre os correspondentes ocorrera, entretanto, um curioso deslocamento de posições. Quando a troca de cartas tem início, Casais Monteiro tem apenas vinte e três anos, um primeiro livro de poemas, *Confusão* (1929), e está à busca de editor para seu primeiro livro de ensaios. Quando ela se encerra, trinta anos mais tarde, Casais Monteiro alcançara inegável projeção como crítico no Brasil, e colaborador regular do Suplemento Literário d'*O Estado de S. Paulo* – enquanto Ribeiro Couto não parecia merecer – no exílio de uma embaixada e de sua cadeira na Academia – atenção como figura de destaque do modernismo brasileiro. Ou melhor, acentuando este deslocamento – Casais, não tendo sequer seu nome impresso em Portugal por determinação da censura salazarista, encontrara no Brasil o reconhecimento que Ribeiro Couto recebia, então, apenas em Portugal.

Notas

- ¹ *O Modernismo brasileiro e o modernismo português: subsídios para seu estudo e para a história de suas relações*, Porto, 1986, 3 v.
- ² Ver minha comunicação ao II Congresso Internacional de Estudos Nemesianos (Salvador, 24-27 set. 2000): *Escritores portugueses e brasileiros - as relações epistolares a partir de 1930*.
- ³ As cartas de Casais Monteiro a Ribeiro Couto encontram-se no Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Ruy Barbosa.
- ⁴ Dedicatórias e epígrafe que constam apenas da edição original, de 1937. Os textos sobre Cecília Meireles e Mário de Andrade que Casais reuniu em volume são já dos anos cinquenta. Em 1949, Casais é o primeiro dos nove portugueses relacionados por ordem alfabética de primeiros nomes na dedicatória coletiva do *Livro de Sonetos* de Jorge de Lima publicado por Livros de Portugal, do Rio de Janeiro.
- ⁵ *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, (7):215, abr. 1938. Transcrito do *Diário de Lisboa*, 9 dez. 1937.
- ⁶ *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, (5):132-3, fev. 1935.
- ⁷ A terceira fase da *Revista do Brasil* (1938-1943) publicaria também José Osório de Oliveira, João de Castro Osório, João Gaspar Simões, José Régio, Carlos Queiroz, Alberto de Serpa, Vitorino Nemésio, Miguel Torga, José Rodrigues Miguéis, Natércia Freire, António Sérgio, Jaime Cortesão e Aquilino Ribeiro.
- ⁸ Outro dos promotores do encontro foi o francês Pierre Hourcade, estudioso e tradutor da poesia de Fernando Pessoa, cuja divulgação no Brasil talvez se possa dizer que começa com a transcrição do artigo de Casais pelo *Boletim de Ariel*. Nesta publicação, nas edições de agosto e setembro de 1938, são reproduzidos cinco poemas de Fernando Pessoa. A primeira colaboração de João Gaspar Simões à *Revista do Brasil* seria o artigo "Apresentação de Fernando Pessoa" publicado em novembro de 1938.
- ⁹ Como Casais esclarece em carta a Manuel Bandeira de 19 jun. 1963.